

Bauman, Zygmunt. Estranhos à Nossa Porta. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, 117p. ISBN 978-85-378-1610-3

CAMILA DE' CARLI¹

Resumo: O texto traz uma breve resenha do livro *Estranhos à nossa porta*, do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman, publicado no Brasil pela editora Zahar em 2017. O autor analisa as origens e o impacto do pânico moral gerado pelos intensos fluxos migratórios para a Europa nos últimos anos, assim como o processo de desumanização que envolve os recém-chegados ao continente, que tem transformado as migrações de tema moral em uma questão de segurança.

Palavras-chave: Europa, migrações, refugiados.

Abstract: This short review examines the book *Strangers at our door*, written by the sociologist and philosopher Zygmunt Bauman and published in Brazil by Zahar (2017). The author analyzes the origins and the impact of the moral panic generated by the intense migratory flows to Europe in recent years, as well as the process of dehumanization involving the newcomers, which has made migrations become a matter of security rather than a moral issue.

Keywords: Europe, migration, refugees.

Recebido em:
27 de Novembro de 2017

Received on:
November 27, 2017

Aceito em:
29 de Novembro de 2017

Accepted on:
November 29, 2017

DOI: 10.12957/rmi.2016.31471

¹ Doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). **Endereço para Correspondência:** PPGRI/UERJ - Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão - João Lyra Filho, 9º andar, Bloco F, sala 9037, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ - CEP: 20550-013. **E-mail:** camiladecarli@gmail.com

Estranhos à nossa porta (2017) é o último livro escrito pelo sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman antes de sua morte, em 9 janeiro de 2017. Nele, o autor se debruça sobre o que veículos de mídia e políticos chamam de “crise migratória” (expressão sempre mantida no texto do autor entre aspas, possivelmente para indicar seu desconforto com esse discurso) e propõe uma análise sobre as origens e os impactos de um “pânico moral”, sentimento de ameaça ao bem-estar compartilhado na sociedade europeia.

Apesar da atualidade do tema que caracteriza a maior parte de sua obra, Bauman ressalta que a migração em massa não se trata de um fenômeno recente, tendo acompanhado toda a era moderna. Tampouco é um tema desconhecido em um continente que, ao longo de sua história, testemunhou guerras e, conseqüentemente, intensos fluxos de pessoas. O próprio Bauman teve sua vida marcada pela migração: em 1939, foi obrigado a fugir, com sua família de origem judaica, da Polônia anexada por Hitler rumo à União Soviética, de onde somente retorna após o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1971, deixa novamente seu país natal, para viver na Inglaterra, desta vez por mais de 40 anos.

O autor contextualiza o grande contingente de imigrantes que chega à Europa em busca de refúgio, ou de melhores condições de vida, em boa medida como resultado de campanhas militares malconduzidas pelas grandes potências em países do Oriente Médio, como Iraque, Afeganistão e Síria. Segundo dados recentes da agência de estatística Eurostat, 2,2 milhões de pessoas solicitaram refúgio à União Europeia apenas nos anos de 2015 e 2016. Estes seriam justamente os “estranhos”, mencionados no título, que batem à porta de uma Europa que não sabe como proceder e que, diante desta ignorância, é tomada pela ansiedade e pelo medo, bases do referido “pânico moral”.

À ignorância em relação a esse “outro” estrangeiro – que Bauman já apontava em livros anteriores como *Modernidade Líquida* (1999) e *Amor Líquido* (2003) - acrescenta-se uma “insegurança existencial” de integrantes de setores sociais prejudicados pelos efeitos da globalização que preferem apontar os imigrantes como culpados por suas condições de vida precarizadas, ou como ameaças a oportunidades no mercado de trabalho. Esse terreno torna-se, assim, extremamente fértil para o crescimento da xenofobia, do racismo, do chauvinismo e de partidos de extrema-direita com discurso abertamente anti-

imigração, como o Frente Nacional de Marine Le Pen, na França.

O “pânico migratório” alimentado pelos noticiários das redes de televisão, pelas manchetes de jornal, ou pelos discursos dos políticos em torno da chegada maciça de imigrantes, aliado à formação do que Bauman denomina “precariado” – grupo de pessoas que teme perder conquistas e posições sociais - propiciam o fortalecimento de uma agenda de “securitização”. Esse quadro foi acentuado sobretudo após o atentado terrorista de Paris em 13 de novembro de 2015.

Por meio desta plataforma securitizadora, muitos políticos em busca de ganhos eleitorais optam por desviar a atenção de demandas sociais difíceis de resolver, como a criação de empregos de qualidade ou a ampliação da previdência social, para um discurso de forte teor nacionalista, que promete a segurança das fronteiras contra potenciais ameaças terroristas, frequentemente associadas aos imigrantes muçulmanos em busca de refúgio. Foi nesse contexto, por exemplo, que o socialista francês François Hollande conseguiu aumentar sua popularidade de 28% em novembro de 2015 para 50% no mês seguinte, depois de declarar estado de emergência nacional e o fechamento das fronteiras, e que o primeiro-ministro húngaro Viktor

Orbán contou com o apoio de 87% da população de seu país para erguer uma cerca nos 176 quilômetros de fronteira com a Sérvia.

O sociólogo argumenta que essa securitização, que associa imigrantes a potenciais terroristas, propicia que essas massas de estrangeiros sejam colocadas para fora dos limites da responsabilidade moral europeia, justificando a indiferença a seus dramas humanos. Esses imigrantes seriam, portanto, colocados em uma categoria indigna de atenção e respeito, sendo acusados não somente de estarem a serviço de grupos extremistas, como Al-Qaeda e Estado Islâmico, como também de conspirar para converter a Europa ao Islã, de portar doenças terminais e de querer se aproveitar do famoso estado de bem-estar social europeu. O efeito dessas acusações é, segundo o autor, desumanizar os imigrantes, passando o tema da migração da esfera da ética para o da segurança. Bauman lembra, contudo, que essa mesma securitização e a postura “nós contra eles” pode favorecer recrutadores de verdadeiros terroristas, que seriam evitados de forma mais eficiente com investimentos sociais e integração dos migrantes à sociedade europeia.

Escrito antes da última eleição presidencial americana, o livro

transborda uma única vez as fronteiras europeias – apesar de as migrações em massa serem um fenômeno global que atinge com ainda mais força os países em desenvolvimento - para citar Donald Trump. Ele adverte sobre a emergência de tiranos em uma “sociedade da performance”, portadores de promessas fraudulentas e, ao mesmo, atraentes para a grande classe média norte-americana que corre o risco de perder seus empregos e cair na pobreza. A referência a *Nações e nacionalismo desde 1780*, de Eric Hobsbawm, reforça o alerta de que sociedades fracassadas investem suas esperanças em um salvador que faça promessas de reverter os efeitos da globalização.

Após a publicação do livro, Trump venceu as eleições e, cumprindo as promessas de campanha, não hesita em anunciar medidas anti-imigração, com o foco na restrição à entrada de muçulmanos no país. Ao mesmo tempo,

a Europa continua assistindo à radicalização cada vez maior dos discursos nacionalistas e ao incessante aumento da representação da extrema-direita, em países como Polônia e, pela primeira vez desde 1945, Alemanha. Fora do escopo do livro, os conflitos e as desigualdades que intensificam os fluxos migratórios não parecem longe do fim.

Mesmo alertando que o destino nos choques é transformar-se em normalidade, Bauman mantém a perplexidade diante do drama do "outro" e anuncia uma humanidade em crise. Ao mesmo tempo em que caracteriza um cenário pessimista, consegue manter seu idealismo ao citar pensadores, como Kant e Hannah Arendt, para propor um novo diálogo entre culturas e opiniões diferentes. Para ele, não haveria outra saída a não ser a solidariedade entre seres humanos. Resta saber como – ou se – essa cooperação poderá se dar.